



ISSN: 2175-5493

XI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de outubro de 2015

GÊNERO E EDUCAÇÃO: DIALOGANDO COM MULHERES RURAIS

Silvia Regina Marques Jardim⁴
(UESB)

RESUMO

O artigo busca sistematizar dados da pesquisa com mulheres rurais por meio do estudo de percepções de adolescentes assentadas sobre a juventude, ciclo da vida que resulta de processos educativos e culturais que ocorrem em espaços diversos, entre eles a família e a escola, e podem se estender ao longo da vida. Foram realizadas entrevistas com doze meninas adolescentes, entre 12 e 16 anos, estudantes da Escola do Campo, suas mães e algumas avós para captar elementos de mudanças de comportamentos. Os resultados mostram que a diferenciação de gênero é grande; mas existem avanços, como o desejo de estudar e seguir uma profissão antes do casamento.

PALAVRAS-CHAVE: Educação, relações sociais de gênero, juventude

INTRODUÇÃO

Com base nos estudos sobre gênero e educação, pretende-se sistematizar dados da pesquisa coletados com mulheres rurais por meio do estudo de percepções sobre a juventude, ciclo da vida que resulta de processos educativos e culturais que ocorrem em espaços diversos, entre eles a família e a escola, e podem se estender ao longo da vida. O objetivo verificar a trajetória do grupo familiar, procurando focalizar as diferenças de geração no que diz respeito a gênero.

⁴Doutora em Educação Escolar, UNESP, Araraquara/SP, Professora da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, UESB, Vitória da Conquista; Grupo de Estudo: Gênero, Política, Álcool e Drogas – GEPAD e-mail: silvia.jardim@hotmail.com.



Para tanto, foram realizadas entrevistas com adolescentes do sexo feminino, com idade entre 12 e 16 anos, suas mães e algumas avós a fim de buscar elementos e estudar elementos que apontam ruptura e continuidade de geração no que diz respeito aos anseios, experiências e necessidades que configuram a diversidade de vivências das mulheres rurais. Neste texto, daremos ênfase ao que mães e avós pensam dos processos educativos e formativos em relação às novas gerações.

A pesquisa foi desenvolvida em um assentamento de reforma agrária, no interior de São Paulo, não apenas pela questão agrária, mas para tentar visualizar duas diferenças que compõem a sociedade: a de gênero e a diferença de estar no contexto rural. A pesquisa de Ferrante (2010) revela que as políticas públicas voltadas para os assentados têm procurado, em teoria, incorporar as questões de gênero e movimentos de mulheres rurais têm interferido para a superação de desigualdades que marcam a vida das mulheres assentadas e trabalhadoras. Porém, nas relações estabelecidas no cotidiano, há muito a ser conquistado, pois ainda prevalece um modelo de família baseado na ideologia patriarcal em que a divisão de espaços é delimitada: às mulheres cabe o espaço da casa, cuidado dos filhos e da produção de alimentos dentro do lote. Os homens, “chefes de família”, assumem o espaço público: nos sindicatos, nas esferas de lazer, nas associações e na comercialização dos produtos. O trabalho da mulher é invisível, uma ajuda ao marido ou uma “reserva” para as épocas de plantio ou colheita ou uma extensão do trabalho da casa por qual é “naturalmente” responsável. Muitas vezes, elas próprias, incorporando o discurso da ideologia dominante, consideram seu trabalho de menor valor.

Para a realização desta pesquisa, doze adolescentes estudantes; oito mães e quatro avós se disponibilizaram a participar. Os nomes citados são fictícios. As entrevistas utilizaram um roteiro flexível e procuraram contemplar aspectos como: infância, família, educação familiar e escolar, trabalho, sonhos, perspectivas sobre casamento, filhos e a vida no assentamento.



Optei por pesquisar um grupo composto só por mulheres para torná-las visíveis e por considerar que as mulheres constituem grande parte da humanidade, mas quase sempre ignoradas, pois constituem a diferença do que é padrão: homem, heterossexual, branco, adulto. Whitaker (1988) lembra que as mulheres são parte do povo e o povo é considerado anônimo, tendo suas vozes e ideias abafadas.

Portanto, a atenção está centrada na voz feminina que emerge da memória, da oralidade e das expressões humanas. O discurso dominante tem uma marca que é a marca do padrão que anula as diferenças: um discurso masculino, branco, adulto, europeu, saudável e jovem. Por outro lado, não é possível ignorar que o discurso dessas mulheres é resultado de um entrelaçamento de várias vozes que constituem suas identidades e que, aos poucos, vão sendo reveladas. Assim, o grupo possui uma identidade de gênero que produz e partilha uma cultura em comum, possui modos semelhantes de perceber e sentir o mundo, produzindo determinados comportamentos.

Portanto, a pesquisa contempla uma dimensão micro ao delimitar o tempo e o espaço para apreender o modo de vida dessas meninas e mulheres. Dimensão que cresce na medida em que se considera a riqueza qualitativa das histórias de vida que, obviamente, é parte de um contexto social, histórico e cultural amplo. O estudo de uma situação específica permite que as diferenças sejam postas em evidência, sem perder ou ignorar a análise geral, a totalidade.

Nos meios rurais, a mãe, a mulher, a avó são elementos aglutinadores da vida social e são responsáveis pela garantia da reprodução social do trabalho, entendida no desenvolvimento de atividades diversas, como o cuidado com a casa, com as roupas da família, alimentação e também atividades voltadas ao autoconsumo familiar, como a produção de hortas e criação de animais. Em outras situações, essas mulheres trabalham fora de casa, em trabalhos assalariados. Ferrante (2010) lembra que do trabalho produtivo das mulheres, o mais notório é a produção para o autoconsumo, ou seja, assegurar a alimentação da família –



função desvalorizada, o que reforça a invisibilidade do trabalho da mulher. E à menina-mulher cabe ser boa filha, o que significa obedecer às normas do grupo familiar, ajudar a mãe com a manutenção da casa e cuidados dos irmãos menores. Importa lembrar que essa função de cuidar e educar tão ligada ao ser feminino é vista como condição para que a vida humana aconteça. Onde não há cuidado, a vida está ameaçada. O cuidado é importante na nutrição, no cuidado com a água, com a higiene, enfim com os valores mais sutis de um grupo social. Assim, as mulheres são:

[...] na imensa maioria das vezes, detentoras e guardiãs de valores culturais e sociais do grupo, como os conhecimentos sobre as ervas medicinais, cultivo e administração de remédios caseiros, novenas e orações para proteção do homem, ou seja, uma outra dimensão considerada invisível. Além disso, são elas que gestam e educam os filhos, têm maior convivência com eles principalmente nos primeiros anos de vida, retransmitindo seus conhecimentos sendo, portanto, responsáveis pela reprodução social. (FERRANTE, 2010, p. 13).

As avós têm idade entre 53 e 75 anos e falaram sobre uma vida de muito trabalho luta pela posse da terra, limitações, dificuldades financeiras e praticamente não estudaram. Trabalhavam com a enxada e afazeres domésticos. Ressaltaram que não tiveram tempo de desfrutar sua juventude: “eu nem sei o que é isso!” (Maria). Casaram-se cedo e tiveram uma média de 10 filhos.

As mães têm idade compreendida entre 29 e 47 anos e tiveram sua infância marcada pelo trabalho doméstico e ajudando os pais com trabalhos na roça, tendo que abandonar a escola em função das necessidades da família. Duas mulheres deixaram a escola ao descobrirem que estavam grávidas com 15 e 16 anos. A maioria terminou o Ensino Fundamental depois de casadas e, receberam o apoio dos maridos na decisão de voltar a estudar, mas vão à escola acompanhadas pelas filhas. Observamos que nem sempre este apoio é dado à mulher e esta vai ficar exclusivamente como dona de casa, auxiliando o esposo com as tarefas da roça.



Clara, uma mãe jovem, diz que pretende estudar, mas depois que os filhos tiverem crescido mais. Relata que gostaria muito de fazer Pedagogia, mas sente preocupação em deixar sua filha sozinha e enfatiza:

como é que eu vou deixar sozinha ... UMA MENINA!? De jeito nenhum! Não! mas não é só... não só questão disso... porque também tem a língua do povo. Porque eles falam! O povo fala demais... Eles... falam mal... que você está deixando sua menina sozinha... se vem umas pessoas conversar com ela aqui na porta ... já vão falar coisas... é sempre assim.

O cuidado e preocupação com os filhos sobressaem em todos os discursos. É ainda pensando nos estudos, que a maioria das mães não permite que suas filhas namorem e justifica a proibição para evitar uma gravidez precoce: “Nossa! Deus me livre! Acaba com a vida delas! Você vê: já o homem é mais liberal, mas a mulher não! Mulher depois que tem filho acaba com tudo” (Renata)

Essas mulheres dividem seu tempo entre o cuidado da casa, trabalho na roça e trabalhos na cidade, como diaristas. Ressaltaram o desejo de ter estudado mais, inclusive para oferecerem aos filhos mais conforto material: “se eu tivesse estudado um pouco mais, hoje eu podia dar uma coisinha melhor para eles ... porque eu sou doméstica, né?” (Ana). Ou ainda: “Ah... meus filhos!... pelos meus filhos, eu faço tudo. Nossa! O que tiver em meu alcance ... para mim, a única boa coisa aconteceu na minha vida foi isso” (Joana).

As histórias das mães e das avós têm em comum o elemento do ir e vir, ou seja, as diferentes migrações em busca de uma vida melhor e o trabalho com a terra. Esse movimento se dá tanto entre estados como entre cidades próximas, sendo comuns passagens pelo urbano e pelo rural. Whitaker (1984) explica que essas passagens são reflexos do processo de urbanização e industrialização do país que resultou na expulsão de trabalhadores da zona rural que foram precariamente empregados na cidade. Esse movimento migratório provoca rupturas, às vezes tão dolorosas à dinâmica da vida cotidiana, que transformam a cultura do indivíduo



em vários aspectos, como: linguagem/dialeto; amizades, gostos culinários entre outros. A pesquisa de Fiamengue (1997) confirma que o processo de ruptura leva o indivíduo tanto a perder alguns aspectos de seu padrão cultural como também o faz adquirir outros e, lembra, isso não acontece sem conflitos. Os movimentos sociais que lutam pela posse e pela permanência na terra dão esperança para essas pessoas retornarem ao rural e, poderem, assim reconstruir sua identidade e sua cultura. A chegada ao assentamento se dá depois de muitas caminhadas e significa o início de uma longa jornada. De um modo geral, chegam os homens e logo depois chegam mulheres e crianças.

Percebemos a segregação de grupos por sexo que se inicia na infância, mesmo dentro de um movimento social que visa superação de desigualdades e preconceitos. Assim,

... as mulheres trabalhando na cidade dão sustentação e suporte para a luta dos homens na conquista da terra. Esta é uma estratégia bastante interessante, pois desvela mais um aspecto na relação de gêneros, quando os homens partem para a conquista – aspectos como força, coragem, determinação, aí envolvidos; e as mulheres desempenhando o papel na reprodução familiar – trabalhando na cidade para garantir o sustento da família, como também o suporte para a luta. (FIAMENGUE, 1997, p. 71).

As histórias relatam a falta da escola ou as imensas dificuldades impostas com relação à distância física da escola, que levavam (e ainda levam) à evasão. Ou, ainda, o trabalho na roça e as dificuldades financeiras que impediam o acesso à escola. Mais grave é quando os pais acham que mulheres não necessitavam estudar:

Ah... isso aí, meu pai já não, não... não... ele tinha uma bobeira ... ele não botava na escola... só os filhos homens ... é uma falta de coração, né? os pais não colocar os filhos na escola... ele falava assim: 'eu vou por só os filhos homens na escola, mas as mulheres não vou botar não. Porque botar filha mulher na escola não dá certo não, porque elas aprende a ler e vão escrever



cartinha pra namorado' Olha que ideia! Acha! Não mandava a gente pra escola por causa disso [...] E não colocava a gente na escola por causa disso aí, sabe? [...] São quatro mulheres e nenhuma delas frequentou a escola.

Observamos a sabedoria com que Margarida desvela a ideologia que perpassa a cultura ao analisar o comportamento do pai em relação aos estudos das filhas: para não escrever cartas amorosas. Margarida não chega a verbalizar, mas talvez consiga perceber que os motivos para não matricular meninas na escola são muito mais complexos do que o fato de arrumar namorado. As mulheres de gerações mais novas conseguiram estudar um pouco mais, algumas interrompendo os estudos para se casar ou para se dedicar ao trabalho em tempo integral. Todas as mulheres entrevistadas gostariam de ter estudado mais. Observamos aqui a não garantia, pelo Estado, de um direito social: a educação escolar.

A privação da escola é refletida pelo desejo de que os filhos e netos possam estudar. Todas as mães e avós enfatizaram o desejo de verem suas filhas e filhos formados em carreiras de nível superior. Carreiras, inclusive, muito próximas à necessidade do assentamento, como por exemplo, cursos de Medicina Veterinária, Agronomia e Direito: “eu vou lutar para ela tá fazendo alguma coisa para ela ... para ela ter alguma coisa melhor para ela... uma faculdade” (Olívia).

Os depoimentos revelam que não há desigualdade de gênero quando se faz referência à escola. O desejo é que meninos e meninas sigam carreiras de nível superior. Esta constatação já foi observada na pesquisa de Whitaker (2002) que, ao interpretar seus resultados, considera que

[...] a luta feminina e o avanço da mulher no território da escolaridade, um fenômeno histórico que faz parte da totalidade, reflete-se positivamente sobre meninas da zona rural, que vivem numa situação muito específica de ocupações e assentamentos, alterando o imaginário dos pais em relação ao futuro, o que permitirá, para muitas delas, alcançar patamares mais elevados de escolarização. (WHITAKER, 2002, p. 13).



Castro *et al* (2009, p. 193) analisam o fenômeno do maior acesso à escolarização entre as gerações mais novas como resultado de estratégias familiares e dos movimentos sociais em garantir o acesso e continuidade dos estudos para crianças e jovens do meio rural.

[...] sabe o que eu desejo para minha filha? Que ela estude, que ela tenha uma vida INDEPENDENTE, você entendeu? Que ela seja dona de si mesma? Porque as meninas de hoje pensa muito em namorado, em casamento... esquecem os estudos... ficam dominada ... por homem.... e... arrumam filho muito cedo (..) ela tem que ter a vida dela... ter um diploma! (Diana).

Para Mannheim (1967), as gerações mais velhas buscam transmitir conhecimento acumulado que pode, inclusive, ser reinterpretado. A escola é um bem cultural ao qual essa geração não teve acesso e sua experiência de vida a leva desejar que as novas gerações estudem e tenham filhos mais tarde. Todas as mães e avós entrevistadas manifestaram essa preocupação: prolongar o tempo de formação escolar, adiar o casamento e a maternidade. As meninas entrevistadas também enfatizaram este desejo: casar por volta dos 30 anos, depois de concluída a faculdade e conquista da profissão.

Eis aqui um paradoxo: no intuito de que as filhas e netas realizem esse projeto (autonomia financeira por meio de estudos), há o exercício de um controle muito forte no comportamento que pode ser traduzido pela defesa da postura social da boa moça que deve evitar determinadas amizades, não pode namorar, não pode sair sozinha ou chegar tarde em casa. A pesquisa de Salva (2008) com jovens da periferia urbana também constatou que, além das dificuldades financeiras, as moças não podem ir a shows ou bailes sem estarem devidamente acompanhadas.

Outro ponto que pode ser observado é a preocupação, tanto das moças entrevistadas as mães e as avós, com o que as pessoas podem dizer sobre suas filhas, o que reforça a defesa de se manter um comportamento padrão. Ao mesmo



tempo em que pode ser visualizadas mudanças nos espaços conquistados pelas mulheres mais jovens, também pode ser visualizado um processo de vigilância e disciplina constante.

Porém, esses projetos nem sempre são concretizados. Castro *et al* (2009) indicam que uma forma de reagir contra o controle familiar é a saída das jovens das áreas rurais solteiras ou, em outros casos, engravidam e casam cedo. A pesquisa realizada pelas autoras com jovens de diferentes regiões revelam que as jovens sofrem mecanismos de exclusão ao se depararem com dificuldades para participar nas tomadas de decisão familiar e também encontram dificuldades para participar nos movimentos e organizações de jovens. O argumento dos familiares para tais práticas de exclusão é o receio de que elas possam ficar grávidas. Esse controle “começa em casa, na família, na comunidade, se estende para os espaços de representação política e sua vivência nos espaços públicos da vida política” (CASTRO *et al*, 2009, p. 159).

Há avanços nas aspirações, porém, observamos que essa forma de ver a educação das filhas e netas é diferente quando se trata da educação informal. E aqui é marcante a delimitação de lugares masculinos e femininos. Nas entrevistas com as mães e avós, procurei abordar um tópico relacionado à educação dos filhos com o objetivo de observar se a educação familiar e transmissão de valores poderiam ser diferentes para meninos e meninas.

Ai, ai! Pra mim, os homens era melhor que as meninas porque as mulheradas de vez em quando me faziam raiva.

S - Como assim “fazia raiva”?

É porque queriam sair e a gente não podia deixar, né? as meninas mulher saem de noite ... não pode.... e eu não queria deixar e elas ficavam brava. Agora os menino homem era mais fácil, né? porque eles saiam.....

S - E eles saíam e a senhora não ficava brava?

É porque menino homem não.... não... é igual menina mulher

S- Por quê?

- Porque a mulherada se mancha uma manchinha fica feio, né? o menino homem não! (Laura)



S – Qual é mais difícil educar o menino ou a menina?
Ah.. é a menina, viu?
S – Por quê?
Ah... porque a menina... fica mais tempo com a mãe e a mãe tem que ficar o tempo educando mais.... mas o menino não... é mais solto.... é criado com o pai, né? (Vera)

Abordei a temática da adolescência e perguntei como elas vêm essa fase. As avós comentaram que em seu tempo não tinha adolescência, pois a vida começava logo com muito trabalho e observam que nos dias de hoje os adolescentes dispõem de mais tempo livre e, podem, por exemplo, estudar. As mães reconhecem essa fase da vida e demonstram uma preocupação grande com drogas, violência e gravidez. Algumas mães, apesar de tentarem proibir namoros, dizem que se acontecer, cabe aos pais conversarem com seus filhos, pois nem sempre a proibição é o melhor caminho. Diana diz que o sucesso para a boa educação dos filhos consiste em assumir, sempre, uma postura de diálogo com os filhos e ressalta que sempre conversa com a filha sobre namoro e sexualidade:

Tem gente por perto de mim que esses dias me chamou de louca, 'eu não crio minha filha assim'. Mas eu penso assim. Eu crio assim. Eu penso assim. Se ela tiver que fazer alguma coisa, então que chegue na mãe e fala. Porque a mãe tem que compreender, você entendeu? Porque às vezes repreende... a mãe repreende o filho .. vamos supor.. uma menina dessas ... porque hoje em dia você sabe como é o mundo, né? Principalmente no sexo, né? Mas não adianta repreender. Principalmente a mulher. Não adianta segurar não! Se você começar segurar muito, ela vaza! (Diana).

Outras mães preferem não consentir namorado, por considerarem uma proteção aos estudos e futuro das filhas:

Namorar? Imagina!!! Só se for escondido! Eu acho que tudo tem sua hora, né? Eu acho que a pessoa começa a se envolver muito cedo assim... depende... de má companhia... assim... porque você sabe que, eles vão junto... então tem que evitar enquanto dá tempo, né? Enquanto você pode... porque depois... (Clara)



S – A senhora deixa que namorem?
Ah não. Não deixo não. Porque o pai delas também não deixa e
(pausa)... ah... é muita pouca idade... na minha opinião eu acho isso
aí. É pouca idade. É ... assim.. na minha opinião tem que namorar
com uns 20 anos, né? É minha opinião, né? Mas a criação de hoje
em dia não quer saber, não quer esperar tudo isso não.
S – E o pai dela pensa isso também?
Pensa. Não deixa namorar.
S – E o irmão pode namorar?
Ah... risos... por mim pode namorar, né? (Antônia)

Observamos que na vivência da sexualidade, as questões relacionadas às diferenças de gênero surgem com mais ênfase. As mães demonstram preocupação com as meninas e argumentam que elas precisam ter uma formação. Porém, o mesmo parece não acontecer com os meninos que podem sair com os amigos e namorar. Há uma ambivalência: meninos e meninas têm que, igualmente, estudar e ter uma formação. Mas há uma preocupação maior com meninas para, inclusive, evitar que a menina “fique mal falada”. O controle social tem forte influência no processo de educação informal. As mães e avós parecem não observar que os adolescentes (homens) também engravidam e devem assumir uma série de responsabilidades, tais como pensão alimentícia. Castro *et al* (2009, p. 144) completam que “ainda que os limites da casa e da rua possam ser borrados, as mulheres aparecem como cercadas de ‘cuidados’. Nesse sentido, a família é a primeira instância de controle social sobre a circulação das mulheres”. Apesar de mudanças significativas, o caminho da mulher para emancipação é bastante difícil: se para as gerações mais velhas, como a de Margarida, a escola lhes era negada porque poderiam “arrumar namorado”, para as gerações mais novas a necessidade de estudar serve como argumento para não namorarem.

ih... se depender do meu pai, eu só vou namorar quando eu tiver quarenta anos! [...] Ele diz que se eu tiver namorando, ele vai atropelar os dois juntos. Eu acho que ele atropelaria. Meu pai é bravo; se ele disser que ele faz, ele faz.” (Aline).



Percebemos o quanto ainda é marcante a diferença na atribuição dos papéis sociais de gênero. Ainda é vigente uma socialização baseada nas diferenças de gênero, mas isso não é feito de modo consciente: as mensagens sobre os lugares do feminino e do masculino são transmitidas e reproduzidas de forma sutil. Há uma imposição de limites e de uma ordem em que as pessoas devem ocupar e se manter em lugares socialmente atribuídos. Essas diferenças ainda são mais fortes, quando o assunto é direcionado aos afazeres da casa. Whitaker (2002) já anunciava que o trabalho doméstico constitui em referencial importante na socialização das meninas. A pesquisa de Salva (2008) realizada com jovens da periferia urbana também sinaliza que as jovens têm pouco tempo para viver sua juventude e estudar devido a afazeres domésticos.

As entrevistas que realizei com as adolescentes do assentamento mostram que todas elas desenvolvem atividades em casa: lavam roupas, cozinham, limpam a casa e, quando tem irmãos menores, cuidam deles também. Nas entrevistas com as mães, confirmei esse dado:

S- E ela sabe fazer tudo?

Sabe! Faz bolo... sabe tudo. Agora mesmo eu fui no médico. Cheguei ainda agora. A casa tava limpa (Benedita)

Tem que saber... o que é a vida, né? ... porque... esse negócio .. assim... de casar e não saber nada... Tem moça que, eu vejo, não sabe nem fritar um ovo... Aí, sofre pra caramba... Mas tem que aprender! (enfática) ... porque a gente não vai ter o pai .. a mãe.. toda a vida, né? Então tem que saber desde cedo, né? (Clara)

Ah... ah... as meninas me ajudam muito, né... elas limpam a casa, lavam a louça... lava roupa... lava o banheiro... Às vezes é difícil, **às vezes tem que pegar uma vara** ... e... mas elas fazem sim..." (Antônia)

Para as mães, é natural que as filhas devam aprender trabalhos domésticos que surgem representados como função exclusiva da mulher e, caso ela resista, é necessário "pegar uma vara". Clara trabalha como diarista em repúblicas de



estudantes e lembra a importância de saber, por exemplo, cozinhar. Neste caso, pensa no futuro da filha como universitária, mas também pensa na possibilidade de um casamento, em que caberá a filha desenvolver habilidades como esposa. O trabalho doméstico não é só visto como uma das funções da filha, como também cabe às meninas aprenderem tais habilidades por uma questão de sobrevivência: morar fora de casa, casar ou perder a mãe. Porém, ao perguntar sobre os meninos, parece que a eles não cabe essa aprendizagem ou dever. O trabalho doméstico parece ser destino ou fatalismo natural da menina do qual não parece haver meios de fugir. Whitaker (1988; 2002) anuncia que as meninas assumem responsabilidade com a casa e cuidado de crianças menores, desde muito cedo, fato confirmado também por Salva (2008) ao se referir sobre as meninas oriundas das classes populares (urbanas).

Nesta pesquisa, durante as entrevistas realizadas com as meninas, observo que muitas delas chegaram a afirmar que os meninos deveriam contribuir com o trabalho da casa, pois sentem-se presas aos trabalhos da casa, mas nem sempre isso aparece nas falas de modo claro. Pergunto, inclusive, se elas dividiriam o trabalho doméstico com seus futuros esposos:

Tem vez que eu penso, né? Porque tem uns homens que são preguiçosos. Aí eu penso que se ele for que nem meu pai .. que.. há um tempo atrás meu pai não estava trabalhando .. aí ele fazia comida e lavava a louça e .. varria a casa, né? Aí se um dia meu marido não tiver trabalhando, tem que fazer pelo menos isso, né?
(Elaine)

Ah... não sei... depende... se ele trabalhasse não. Mas se não trabalhasse sim.

S – E se você trabalhasse, você dividiria os serviços da casa?

Aí... sim. Eu dividia sim. Mas tipo assim: se eu trabalhasse e ele também, aí nem sujaria a casa. Eu limpava num dia e ele no outro
(Rafaela)

A suposição de situações como a de um casamento e a divisão de tarefas deixa as meninas com dúvidas sobre o que responder. As duas primeiras



comentam sobre o trabalho dos supostos maridos, o que os isentaria do trabalho doméstico. Interessante que as meninas parecem não atentar para o fato de que a mulher exerce funções remuneradas fora da casa e, ao chegar do trabalho, tem que dar conta de todo o trabalho da casa.

S – Que tipo de serviço você faz?

Ah... limpo o chão, eu lavo a louça ... de vez em quando eu lavo a roupa para ela, sabe?

Comida... eu faço alguma coisa ... de vez em quando.

S – Seu pai ajuda no serviço da casa?

Não.

S – E você acha certo?

.....

S - Errado?

Ah... acho que tá bom assim. (Daniela)

O depoimento revela que, para a adolescente, a divisão das tarefas entre mulheres e homens está certa. Os cuidados com a organização da casa é função feminina ou, no discurso da ideologia patriarcal, não chega a ser considerado um trabalho propriamente dito. As jovens parecem seguir modelos de gerações anteriores que são transmitidos por meio de representações simbólicas que se perpetuam e parecem ser resultados de escolhas, determinadas por meio de processos de educação informal.

CONCLUSÕES

Ao olhar o perfil das mulheres que participaram desta pesquisa, podemos observar elementos do passado ou da memória estão inscritos nos eventos do presente. Os padrões de comportamento, que são impostos, têm envolvimento com os processos de educação informal e as crianças são socializadas a assumir lugares masculinos ou femininos.



As gerações mais velhas buscam transmitir bens culturais e conhecimentos diversos que, muitas vezes, passaram por processos de reinterpretação. Essa forma de transmitir os conhecimentos pode ser vista como fruto de experiências e o desejo de mudanças na estrutura social. As gerações se influenciam mutuamente, pois há uma interação constante entre os que ensinam e os que aprendem.

As histórias retratam, sem heroísmo e sem vitimização, que as mulheres, ao falar, tornam vivas suas respostas ao momento social e cultural que experimentam. As histórias não são únicas ou particulares: elas compõem um painel contraditório que reflete uma sociedade constituída por diversas tramas sociais pautadas por opressões, mas, também são constituídas por mecanismos de resistência, troca de saberes, práticas de solidariedade e aspirações por transformação social. No que diz respeito a resistência e sonhos, estes são resultados das conquistas dos diversos movimentos de mulheres que ressoam nas práticas cotidianas que, muitas vezes, passam despercebidas, mas se revelam fundamentais para a superação de discriminação de gênero.

Não há retrocessos; há movimentos; há mudanças de mentalidades e um olhar, típico da juventude, para novas formas de viver, assim como novas sensações, novas experiências que traduzem a importância de se desenvolver a capacidade de conviver com as diferenças, num processo dialógico constante.

REFERÊNCIAS

- CASTRO, E. G. As jovens rurais e a reprodução social das hierarquias: relações de gênero em assentamentos rurais. In: FERRANTE, V. L. S. B.; WHITAKER, D. C. A (orgs.). **Reforma agrária e Desenvolvimento: desafios e rumos da política de assentamentos rurais**. Brasília: MDA; São Paulo: Uniara, 2008. p. 112-30.
- CASTRO, E. G.; MARTINS, M.; ALMEIDA, S. L. Ferreira de; RODRIGUES, M. E. Barrios; CARVALHO, J. G.. **Os jovens estão indo embora?** Juventude rural e a construção de um ator político. Rio de Janeiro: Mauad X; Seropédica, RJ: EDUR, 2009.



ISSN: 2175-5493

XI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de outubro de 2015

FERRANTE, V. L. B. Mulheres assentadas rurais em movimento: na casa e na rua, espaços de resistência. In: WHITAKER, D. C. A.; FIAMENGUE E. C.; VELOSO, T. M. G. **Ideologia e esquecimento: Aspectos negados da memória social brasileira**. Presidente Venceslau, São Paulo: Letras à Margem, 2010. p. 193-231.

FIAMENGUE, E. C. **Entre o Espaço Vivido e o Espaço Sonhado**: Imagens da Infância num Assentamento de Trabalhadores Rurais. Dissertação (Mestrado em Sociologia). Programa de Pós Graduação em Sociologia: FCL/UNESP Universidade Estadual Paulista, UNESP, Araraquara/SP, 1997.

JARDIM, S. R. M. **Entreaberto botão, entrefechada rosa**: vivências da adolescência feminina em assentamento de reforma agrária. Tese (Doutorado em Educação) Programa de Pós Graduação em Educação: FCL/UNESP Universidade Estadual Paulista, UNESP, Araraquara/SP, 2011.

MANNHEIM, K. Função das gerações novas. In: PEREIRA, L.; FORACCHI, M. **Educação e Sociedade**. 6ª. Ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1972, p. 91- 97.

SALVA, S. **Narrativas da vivência juvenil feminina**: histórias e poéticas produzidas por jovens de periferia urbana de Porto Alegre. Tese Doutorado em Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação. Faculdade de Educação. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2008.

SCOTT, J. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação e realidade**, Porto Alegre, v. 20, n. 02, p. 71-99, 1995.

WHITAKER, D.C. A. **Ideologia e práticas culturais**: o controle ideológico do trabalhador de cana. Doutorado em Sociologia. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, USP, 1984.

_____. **A Mulher & homem. O mito da desigualdade**. São Paulo: Moderna, 1988.

_____. Nas franjas do rural-urbano: meninas entre a tradição e a modernidade. **Cadernos CEDES**, ano XXII, n. 56, abr. 2002.